

A perspectiva sociológica em Agroecologia: uma sistematização de seus métodos e técnicas*



Sevilla Guzmán, Eduardo**

Palavras chave: Sociologia, Agroecologia, Recursos Naturais

1. Nota introdutória

Este texto é uma reflexão epistemológica sobre as diferentes possibilidades que oferece

* Trabalho apresentado na Seção de Pesquisa em Agroecologia, do II Seminário Internacional sobre Agroecologia, realizado em Porto Alegre (RS) de 26 a 28/11/2001. Córdoba, novembro/2001. Traduzido por Francisco Roberto Caporal, em janeiro de 2002.

** O autor é Doutor em Sociologia, Professor Catedrático e Diretor do Instituto de Sociología y Estudios Campesinos, Universidad de Córdoba - Espanha.

Nota do Autor: o presente trabalho é uma reelaboração esquemática do capítulo sobre Métodos e Técnicas que escrevi no Manual de Agroecologia preparado pela equipe do Instituto de Sociología y Estudios Campesinos (ISEC) e publicado recentemente (Guzmán, *et al.*, 2000). Meus agradecimentos a Juan Salas, por sua ajuda na primeira versão, e a Graciela Ottmann, na presente versão, na qual ela introduziu uma grande quantidade de novas idéias, enriquecendo substancialmente este artigo.

a Agroecologia. A expressão "perspectiva sociológica" tem aqui uma dupla acepção, já que, por um lado, baseio-me fundamentalmente nesta tradição teórica¹ do pensamento científico e, por outro lado, o aporte fundamental da Agroecologia tem uma natureza social, uma vez que se apóia na ação social coletiva de determinados setores da sociedade civil vinculados ao manejo dos recursos naturais, razão pela qual é também, neste sentido, sociológica.

Queremos deixar claro que o que segue é uma proposta dentro do processo de construção da Agroecologia que estamos desenvolvendo durante as últimas décadas, com um grupo de pesquisadores de diferentes pelagens e condições acadêmicas (Guzmán, González de Molina y Sevilla Guzmán, 2000: 12-13), em um processo de interação com diversos grupos e movimentos sociais, fundamentalmente -ainda que não só- de agricultores.

A Agroecologia se propõe não só a modificar a parcelização disciplinar, senão também a epistemologia da ciência, ao trabalhar mediante a orquestração de distintas disciplinas e "formas de conhecimento" que compõem seu pluralismo dual: metodológico e epistemológico, onde a perspectiva sociológica tem um papel central. Isso se deve à amplitude do enfoque agroecológico que, desde a propriedade, pretende compreender toda a complexidade de processos biológicos e tecnológicos - fundamentalmente durante a produção - e socioeconômicos e políticos - basicamente durante a circulação dos bens produzidos até que cheguem ao consumidor - que intervém no fato de uma semente se transformar em um bem de consumo (Altieri, 1985; Gliessman, 1997). Em um recente (e ainda não conclusivo) trabalho, tratei de esquematizar a contribuição da perspectiva sociológica à Agroecologia, mostrando suas ba-

ses sociológicas, no sentido antes assinalado como contribuições sociais (Sevilla Guzmán, 2001a). Igualmente, apresentei anteriormente a perspectiva sociológica na sua dimensão científica, quer dizer, desde a teoria social, mediante o aporte das Teorias do Desenvolvimento e dos Estudos Camponeses (conforme Sevilla Guzmán y Woodgate, 1997; Sevilla Guzmán, 1998, e minha recente síntese em Sarandón, 2002). Este trabalho é, pois, uma ampliação dessas explorações (da contribuição da Sociologia à Agroecologia), no qual quero mostrar a potencialidade epistemológica da Agroecologia

Agroecologia tem uma natureza social. Apóia-se na ação social coletiva de determinados setores da sociedade civil vinculados ao manejo dos recursos naturais, razão pela qual é também sociológica.

de acordo com a posição em que se situe a práxis do pesquisador. E, ao fazê-lo, vamos apresentar, sistematicamente, os métodos e as técnicas, em minha opinião, mais férteis, no que definiremos mais adiante como "perspectivas de pesquisa". Antes de fazê-lo, entretanto, é necessário especificar o que entendemos por métodos e técnicas, posto que fazemos referência a eles em cada uma das perspectivas ou níveis considerados.

A palavra método tem um caráter polissêmico. É empregada tanto em referência à forma de criar conhecimento científico (método científico), como em relação a procedimentos específicos existentes em seu interior (por exemplo: método indutivo ou método dedutivo). Pode, entretanto, ter outros muitos usos dentro desta lógica. A acepção utilizada neste trabalho é a segunda, a qual cremos ser a mais

comum na Metodologia da Ciência ou Epistemologia. Assim, definimos como **método** o conjunto de procedimentos que, articulando os pressupostos teóricos com os mecanismos de produção e contrastação da informação, constituem o suporte e orientação em que se apóia o pesquisador para levar a cabo suas contribuições. Por outro lado, entendemos por **técnicas** o conjunto de ferramentas, ou procedimentos concretos, através dos quais se leva a cabo a coleta de dados, ou a produção dos dados, que nos permitem enfrentar a análise.

Logo, segundo a procedência dos dados utilizados, tanto as técnicas como os métodos costumam ser classificados como primários, quando são produzidos no próprio processo, ou secundários, se foram gerados, previamente, em outra pesquisa. Na realidade, os métodos e as técnicas, no andamento dinâmico de uma pesquisa, aparecem revestidos pelo enfoque de uma teoria, de tal forma que é difícil diferenciar quando começa um e termina o outro. Por fim, se trata de um processo de operacionalização que se move transformando um "objeto de representação" em um "objeto de conhecimento". Não obstante, se isto é assim na "ciência convencional", é muito mais ainda no caso da Agroecologia, como consequência de sua natureza pluri-epistemológica e da prevalência de técnicas participativas, nas quais a metodologia utilizada tem uma natureza (ou perspectiva de investigação) dialética. Ainda que isso seja algo que se fará mais compreensível ao leitor mais adiante, no momento basta adiantar um esquema do conteúdo deste trabalho, como o fazemos no quadro da página seguinte.

Neste Quadro 1 aparecem situados na primeira coluna os distintos níveis de análise que, em nossa opinião, são normalmente utilizados pela Agroecologia para cruzá-los com os três níveis ou "perspectivas de pesquisa", que se situam na primeira linha.

Quadro 1 : Uma sistematização sociológica dos métodos e técnicas da Agroecologia, segundo as Perspectivas de Pesquisa:

Perspectivas Análise	Níveis de	Distributiva (Produtiva)	Estrutural (Desenvolvimento)	Dialética (Movimentos Sociais)
Exploração da propriedade		Estação experimental Diagnóstico clínico da propriedade	História da propriedade	Desenvolvimento participativo de tecnologias na propriedade
Estilo de manejo		Observação antropológica clássica	Grupo de Discussão (manejo técnico- agronômico de um recurso)	Estratégias participativas de discriminação
Comunidade local		Diagnóstico Rural Rápido	Observação participante em direção à dinâmica de IAP	Diagnóstico Participativo
Sociedade local		Leitura transversal	Grupo de Discussão (caracterizador do discurso)	Estratégias participativas de articulação
Sociedade maior		Planejamento rural convencional	Desenhos participativos de Desenvolvimento Endógeno	Sócioanálise de grupos em assembleias
Nível de análise genérica		Pesquisa (Questionário)	Entrevista	Assembleias em dinâmicas da IAP (Pesquisa-Ação participativa)

Ainda que tais unidades de análise tenham uma natureza espacial, também constituem "espaços socioculturais de exploração agroecológica", como a exploração da propriedade, o estilo de manejo dos recursos naturais (grupo de agricultores que utilizam semelhante tecnologia, forma aproximada de inserção no mercado e projetos semelhantes de reprodução social). Es ses espaços podem ser, conforme Ploeg (1994) e Guzmán *et al.* (2000: 82-85); a *comunidade local* (ou núcleo de população vinculado a um território administrativamente dependente dele); a *sociedade local* (bacia ou município - área significativamente homogênea- que inclui, normalmente, várias comunidades locais); e a *sociedade maior* (região, estado ou país).

2. Perspectivas agroecológicas de pesquisa

Provavelmente, uma das contribuições mais importantes da sociologia espanhola ao

Pensamento Social do século XX seja o que se pode definir como a Escola Qualitativista de Madri. Ela surgiu nos últimos trinta anos do século passado em torno do excelente trabalho de Jesús Ibáñez (1979, 1985, 1994: 51-85) e da práxis intelectual e política de Alfonso Ortí (1984, 1986) e dos trabalhos de ambos em Ferrando *et al.*, (1994).

Um dos aportes mais interessantes deste grupo é aquele que aborda a tarefa de caracterizar as "perspectivas de pesquisa" em Ciências Sociais. Nas páginas que seguem pretendemos, utilizando como base os trabalhos dos autores citados acima, ampliar o enfoque, fazendo-o extensível à Agroecologia, tarefa esta que ficou inconclusa pelo repentino falecimento de Jesús Ibáñez². Foi ele, Jesús Ibáñez (1994: 51-85), quem, a partir de Pierre Bourdieu, refletiu sobre a natureza da indagação científica com base na diferenciação de três níveis que, se articulados em torno da Agroecologia como campo de análise, podem cristalizar uma reflexão sobre as três perguntas seguintes:

1) Como deve desenvolver-se o manejo dos recursos naturais? Que tipo de conhecimento permite levá-lo a cabo? (nível tecnológico ou empírico)

2) Por que deve ocorrer assim o manejo? Quem decide como se desenvolvem as formas de conhecimento que permitem a sua implementação? (nível metodológico)

3) Para que e para quem se desenvolve este tipo de manejo dos recursos naturais? (nível epistemológico)

Assim, abrindo o espaço da pesquisa social, primeiro ao pluralismo transdisciplinar e depois ao epistemológico, da Agroecologia, aparecem, igualmente, três níveis de indagação ou perspectivas de pesquisa que, mantendo as denominações propostas por Jesús Ibáñez, chamaremos de **distributivo, estrutural e dialético**. Tais modos de abordar a problemática do manejo dos recursos naturais são pensados e instrumentalizados a partir de uma tripla perspectiva: ecológico-produtiva, socioeconômica e sócio-política, respectivamente. Estes modos não são excludentes, senão que, ao contrário, podem constituir níveis acumulativos que permitem uma indagação-ação cada vez mais profunda sobre e na realidade. O primeiro nível a que nos referimos, o **"distributivo da exploração-ação agroecológica"**, é aquele que se move no espaço puramente produtivo, que em outro texto conceptualizamos como "ecoagricultura"³. Este nível inclui tanto uma "ecoagricultura do Norte" (as agriculturas Orgânicas e Biológicas do IFOAM, a Biodinâmica de Steiner, a Natural de Fukuoka e a Permacultura de Mollinson, entre outros estilos modernos), como os estilos de "ecoagricultura do Sul" ou "agriculturas tradicionais" camponesas ou indígenas que - tanto no centro como na periferia - provaram empiricamente sua sustentabilidade histórica (Sevilla Guzmán y Ottmann, 2000: 185-207).

O nível **estrutural** da pesquisa agroecológica se refere à Agroecologia como desenvolvimento rural, quer dizer, como estraté-

gia participativa para obter a sustentabilidade, através de formas de ação social coletiva (Sevilla Guzmán, 2000: 35-45). E, finalmente, o nível **dialético**, no qual a pesquisa-ação participativa rompe a estrutura de poder sujeito-objeto da metodologia científica convencional, provocando o que Tomás R. Villasante denomina a "rebelião do laboratório", gerando a possibilidade de uma mudança nas ações sociais dentro de episódios de atuação como "analísadores históricos" (Delgado y Gutiérrez, 1995: 400).

2.1. A estação experimental como paradigma da perspectiva distributiva

A perspectiva distributiva pode ser definida como aquela forma de indagação-intervenção na qual o papel central está na caracterização sistemática do conjunto de dados obtidos da realidade, para descrevê-la, de forma que possa ser possível entender a situação dos fatos, sejam eles sociais ou naturais. Trata-se de medir, com toda a sofisticação que as ferramentas disponíveis nos permitam, os fenômenos e a relação entre fenômenos, para expressá-los quantitativamente, com o maior apoio estatístico possível. Situam-se aqui os conhecimentos das ciências agrícolas, pecuárias e florestais, em seus aspectos técnicos relativos ao funcionamento dos recursos naturais.

O método distributivo, por excelência, é constituído pela reprodução da "realidade físico-biológica" que a Ciência Agrônoma convencional pretende realizar nas Estações Experimentais. Ali se desenvolve o desenho de projetos agronômicos experimentais, assim como um conjunto de "simplificações" que realizam os "especialistas", para detectar as inter-relações existentes entre as variáveis selecionadas. Pretende-se, assim, obter as características desejáveis nos processos biológicos analisados mediante "seleções técnicas" e alcançar, assim, os resultados quantitativos desejados (geralmente buscando uma maior produção ou um maior resultado econômico).

Normalmente, as variáveis relacionadas com o clima, os fatores biológicos, as condições do solo e demais componentes da natureza é que "são controladas" em uma Estação Experimental para, a partir da Estação, aportar uma solução aos problemas, que mais tarde será apropriada pelos extensionistas que a levarão aos agricultores. Nessa lógica, aos agricultores só resta aplicar tais soluções técnicas geradas nos "laboratórios". A natureza deste procedimento é muito parecida ao esquema de uma pesquisa de opinião (questionário), que Jesús Ibáñez (1979: 29) define de forma sutil e profunda, recorrendo a um complicado jogo de palavras: "A pesquisa de opinião (questionário) é uma técnica que só permite captar 'enunciados de observação' de enunciações (a resposta captada é um enunciado de observação; da observação realizada pelo entrevistador da resposta enunciada pelo entrevistado)".

O que o autor quer dizer é que a informação que pode proporcionar uma pesquisa de opinião (questionário) é muito limitada já que só registra como dados aqueles que ela produz. Quando tais dados têm um caráter objetivo e quantificável, como o número de hectares de uma propriedade, os cultivos que nela existem, o número de pessoas que trabalham em cada um dos cultivos, etc., tal informação é de grande utilidade e não permite equívocos. Entretanto deixa de ser assim quando os questionários recolhem opiniões e atitudes, uma vez que os dados ("enunciados de observação") são construídos por quem confecciona o questionário e são anotados ativamente pelo entrevistador, que, por sua vez, interpreta a resposta enunciada pelo entrevistado e ao mesmo tempo capta tal enunciação fora de sua realidade, afastada do processo sociocultural e produtivo do entrevistado.

Ao agir assim, as Ciências Agronômicas ignoram a existência de "um agricultor específico, em um local específico, em um ano específico" (Richards, 1985: 40). Quer dizer, movem-se em um discurso puramente

tecnológico, onde as tarefas da ciência - descrição sistemática, explicação e previsão- têm um nível distributivo, onde se articula um importante acervo de conhecimentos quantitativos sobre o funcionamento dos recursos naturais. Tal processo de produção de informações é necessário, mas não é suficiente para a Agroecologia.

No Quadro 1, apresentamos, na coluna correspondente ao **nível distributivo**, as técnicas de recolhimento de informação que geram os dados cuja natureza acabamos de descrever e que, em nossa experiência de trabalho, são as mais utilizadas em cada nível de análise. Assim, numa Estação Experimental, aparece a "observação distante, do antropólogo clássico", que pode, sem envolver-se diretamente, estabelecer uma tipologia dos produtores a partir do seu "modo de uso dos recursos naturais" (Estilos de Manejo). Igualmente, em nível da Comunidade Local, poderia situar-se a "primeira geração" de diagnósticos sobre uma comunidade, que, por sua economicidade e pragmatismo, teriam que ser diagnósticos "rápidos", obtendo informações onde elas não existiam, de forma institucional. Com análoga natureza situamos, no nível da Sociedade Local, as "caminhadas transversais", que também são de "primeira geração". Quer dizer, as "caminhadas" realizadas para obter uma caracterização rápida do ecossistema com o objetivo de uma posterior transformação-artificialização do mesmo, realizada por "informantes confiáveis". O planejamento rural convencional, obtido a partir da coleta de todo o material secundário existente (com a utilização de questionários e outras técnicas a que nos referimos antes), completa a bateria tecnológica mais usual desta perspectiva, que pode resultar de grande utilidade (no nível da Sociedade Maior) quando for recolhido adequadamente.

Assim, a informação obtida mediante a aplicação da Teoria de Sistemas à Agronomia -com o enriquecimento da Ecologia Científica-, que permite conceber um agroecossistema ou uma microbacia como um mosaico de

objetos, é de grande valor, pois permite visualizar os agroecossistemas como um todo, incluindo subsistemas de ciclos minerais, de transformação da energia e de processos biológicos, entre outros aspectos, indo além dos limites disciplinares, colocando ênfase nas interações complexas entre pessoas, cultivos, solo, animais, etc., como, por exemplo, a metodologia clínica de campo elaborada por Juan Gastó (1987).

A Agroecologia utiliza esta informação, ainda que necessite completá-la "a partir da percepção dos produtores", uma vez que pretende mover-se dentro do processo sociocultural da produção, o que se busca alcançar a partir da perspectiva estrutural, que passamos a considerar.

2.2. A perspectiva estrutural como geradora de discursos para a participação

A perspectiva estrutural consiste na tentativa de explicar as relações existentes entre os fenômenos analisados, de acordo com a percepção dos sujeitos que intervêm nos mesmos, através dos discursos elaborados por estes sujeitos. Deste modo, se gera uma informação qualitativa que dota de sentido sociocultural os processos gerados na realidade, sejam eles naturais ou sociais.

Nas Ciências Sociais, a técnica para obtenção de dados que é utilizada tradicionalmente, como ilustrativa da perspectiva estrutural, é o "grupo de discussão". Provavelmente a pessoa que melhor caracterizou as bases teóricas e metodológicas desta técnica seja Alfonso Ortí (1994: 189-221), o qual considera que, "situados na linha divisória entre o psicológico e o sociológico, os pequenos grupos ou grupos restringidos configuram uma privilegiada perspectiva que permite (...) captar e interpretar -ao mesmo tempo- (...) uma vivência coletiva (...) e observar experimentalmente os comportamentos e as produções de sentido. No terreno da pesquisa



motivacional, com finalidades sociológicas (...), a prática da chamada dinâmica de grupo (em seu sentido mais amplo e impreciso) se converte -e reestrutura- na técnica qualitativa de aproximação empírica à realidade social denominada reunião de grupo, discussão de grupo ou, também, entrevista de grupo. Trata-se, neste caso, de uma prática *sui generis*, com peculiaridades próprias, que na realidade pouco ou nada tem a ver com o que se entende, de forma rigorosa, **como sendo dinâmica de grupo**, no âmbito da psicossociologia dos pequenos grupos". Na realidade, a dinâmica de grupo gerada neste tipo de reuniões, e que definimos aqui como **Grupo de Discussão**, aparece configurada por e para a pesquisa sociológica motivacional, sendo "fundamentalmente pragmático, macrosociológico e extragrupo: o grupo somente interessa como meio de expressão das ideologias sociais, como unidade pertinente de produção de discursos ideológicos" (Ortí, 1994: 216).

A perspectiva estrutural constitui um elemento central para a Agroecologia, surgida como crítica à agricultura convencional, que ignora os sujeitos sociais vinculados ao manejo dos recursos naturais. Esta ignorância é consequência do processo de cientificação a que foi submetido o manejo dos recursos naturais nos últimos anos e que desembocou na

construção de um "modo industrial de uso dos recursos naturais", que deteriora, gradualmente, tanto esses recursos como a sociedade. De fato, o discurso dos atores vinculados ao manejo dos recursos naturais é incorporado pela Agroecologia através do "grupo de discussão", da "entrevista" e das demais técnicas da metodologia qualitativa, para, mais tarde, articular estas técnicas com "técnicas participativas" e, ao fazê-lo, começa a construir uma alternativa ao fracassado modelo de agricultura industrializada.

No Quadro 1 apresentamos, na coluna correspondente, as técnicas que consideramos mais adequadas dentro desta perspectiva es-

A perspectiva estrutural da Agroecologia permite preparar o terreno para o desenvolvimento de uma agricultura participativa.

trutural. Em primeiro lugar, situamos uma técnica sócioantropológica que pretende iniciar o processo de incorporação do conhecimento local ao manejo da propriedade ou da atividade agropecuária ou florestal: a história da propriedade. O conhecimento dos sistemas de cultivo desenvolvidos no passado e, com isto, as soluções práticas incorporadas pelos "agricultores ainda não industrializados", através de técnicas de história oral em cada propriedade, são o primeiro passo para alcançar, nas mesmas, uma agricultura participativa. Os níveis de análise de Estilo de Manejo e de Comunidade Local são uma posição ideal para preparar o terreno para os diagnósticos grupais. No primeiro caso, mediante a caracterização do manejo local através do "grupo de discussão técnico-agronômico"; no segundo caso, mediante a incorporação das soluções dos próprios atores implicados em cada comunidade, através do "diagnóstico rural participativo" (como veremos depois, ao consi-

derar a perspectiva dialética). Tais técnicas participativas podem ajudar, mediante uma prévia "observação participante", para que se venha a alcançar formas de interação próprias da pesquisa-ação participativa. Na análise da Sociedade Local, propomos o "grupo de discussão" para captar o discurso dos setores sociais significativos deste âmbito espacial. E, finalmente, o nível da Sociedade Maior permite, com os métodos participativos, superar o "planejamento rural convencional" (que propugnamos, neste mesmo nível, para a perspectiva distributiva), para obter soluções desde dentro, mediante desenhos participativos de desenvolvimento endógeno.

Todas estas técnicas, dentro das metodologias participativas, surgem da necessidade de romper com o discurso agrônomo convencional, cuja informação é obtida nas Estações Experimentais e cujas soluções costumam ser aportadas com base em princípios homogeneizadores, que pretendem possuir o patamar de "lei científica". Com isso, se perde a unicidade dos agroecossistemas e a dimensão específica de tratamento que exigem os problemas locais, rompendo, desta forma, a dinâmica da interação dos homens com os recursos naturais. Perdem-se, também, os contextos temporais, sociais, políticos e econômicos concretos, onde estão inseridos os atores. As práticas agrícolas geradas a partir da ciência agrônoma convencional carecem da articu-



lação necessária entre a informação obtida na pesquisa e a significação que esta tem para os atores intervenientes.

A perspectiva estrutural da Agroecologia permite - tal como acabamos de ver - preparar o terreno para o desenvolvimento de uma agricultura participativa, fazendo emergir, assim, uma dimensão global de busca de melhorias no nível de vida das comunidades rurais envolvidas, definindo este nível de elas mesmas. Assim, é possível pensar um **desenvolvimento rural desde a agricultura participativa** como o conjunto de esquemas de desenvolvimento que partem do reconhecimento da necessidade e/ou do interesse de trabalhar com as comunidades locais na identificação, no desenho, na implementação e na avaliação dos métodos de desenvolvimento endógeno mais adequados para a resolução de seus problemas. A ruptura epistemológica com o desenvolvimento rural convencional surge da experiência acumulada nos últimos trinta anos na América Latina, na África e na Ásia, a partir do reconhecimento de que os agricultores não só têm um amplo conhecimento dos seus sistemas agrícolas, senão que, ademais, são capazes de dirigir provas e experimentos. A Agroecologia pretende, assim, dotar os agricultores do poder da participação⁴.

2.3. A perspectiva dialética e a pesquisa-ação participativa

A perspectiva dialética faz referência à relação que se estabelece em todo o processo de indagação entre o pesquisador e a parcela de realidade pesquisada. Não se trata somente de conhecer (como sucedia na perspectiva distributiva) e explicar (como sucedia na perspectiva estrutural), senão que se trata de intervir e articular-se com o objeto investigado, para incidir, de forma crítica, no curso de sua transformação. Isso supõe um claro desvio do procedimento científico convencional. De fato, a transgressão fundamental provém da própria

posição do pesquisador frente ao pesquisado. A ortodoxia científica (que normalmente aparece como algo natural na perspectiva distributiva) estabelece a necessidade de um empenho, por parte do pesquisador, para encontrar elementos que o mantenham afastado da realidade pesquisada e, por fim, para separar, claramente, seu discurso daquele que está tentando descobrir. É necessário, portanto, construir o maior número de controles possíveis que permitam separar-se do objeto estudado. Esta posição de "objeto distante", começa a romper-se na perspectiva estrutural, que acabamos de considerar, posto que a "captação de discursos" já supõe uma implicação parcial do pesquisador com o objeto estudado, que deixa de ser apenas o objeto estudado para ser, também, objeto criador de dados: o experimento científico já deixa de estar supostamente nas mãos exclusivamente do pesquisador.

Frente à perspectiva distributiva, que se caracteriza por sua subordinação ao poder ou coexistência com o mesmo, as perspectivas estrutural e dialética tratam de trans-

A perspectiva dialética faz referência à relação que se estabelece em todo o processo de indagação entre o pesquisador e a parcela de realidade pesquisada.

cender as relações de poder do sujeito (pesquisador) sobre o objeto (pesquisado). Na verdade, a Agroecologia pretende, como uma tarefa essencial a sua atividade incorporar ao manejo dos recursos naturais os elementos socioeconômicos e políticos. Para isso, necessita produzir uma ruptura epistemológica que liberte as ciências agropecuárias e florestais das relações de poder que atribuem a aqueles que são objeto do poder (os pesquisados), a serem ignorados, "dotando-

os, ao mesmo tempo, de um saber ilusório que encobre a realidade do que ignoram, ocultando o fato do poder e sua brutalidade". A reprodução de tais relações de poder, desde as ciências agropecuárias e florestais convencionais, ocorre devido à posição do **pesquisador-sujeito-que-sabe**, frente ao **pesquisado-objeto-que-ignora**. Assim, "o poder consiste em apropriar-se, ao acaso, ser inexplicável e imprevisível e atribuir às normas o poder de explicar e prever" (Ibáñez, 1979: 23). A Agroecologia, ao utilizar em sua perspectiva dialética a pesquisa-ação participativa, pretende romper a reprodução de tais relações de poder.

No Quadro 1 podem ser vistas as técnicas propostas como as mais adequadas em cada um dos níveis de análise adotados, para sua inserção dentro de uma metodologia de pesquisa-ação participativa, elemento este que é central para a perspectiva dialética aqui considerada. Entretanto, a leitura do quadro de resumo não pode ser feita somente de forma vertical (como fizemos ao considerar as perspectivas distributiva e estrutural), pois requer acumular, dentro de cada nível de análise, a contribuição horizontal já realizada por aquelas perspectivas.

No nível de análise da propriedade, o conhecimento sistêmico dos processos biológicos intervenientes, aportados desde a perspectiva distributiva, une-se com o conhecimento local resgatado (na medida do possível, da tradição produtiva aportada pelo ecossistema local) desde a "história da propriedade" obtida na perspectiva estrutural. Chega-se, assim, depois de uma prolongada interação de intercâmbios entre os agricultores e os técnicos, a uma reestruturação do diálogo surgido entre eles, que finalizará na lógica construção de um "desenvolvimento participativo de tecnologias na propriedade". Um processo análogo de acumulação das técnicas desenvolvidas nas perspectivas distributiva (produtiva) e estrutural (desenvolvimento) desembocará, em cada um dos níveis restantes de análise agroecológica, em

distintas estratégias. Na verdade, uma vez situado na dinâmica da pesquisa-ação participativa obtida na perspectiva dialética, será possível conseguir o salto da ação social coletiva à ação de movimento social. Isso só será possível graças à cristalização das "metodologias participativas" na elaboração, em cada nível de análise, das seguintes estratégias:

a) "Participativas de disseminação" de experiências agroecológicas, desenvolvidas pelos integrantes do grupo estabelecido, como Estilo de Manejo, a partir da "observação antropológica" que permitiu a posterior realização do "grupo de discussão técnico-agronômico", através do qual se obteve o conhecimento local sobre o manejo, por exemplo, de um determinado cultivo.

b) "Diagnósticos participativos" que permitam a compreensão real dos mecanismos que geram as formas de dependência da "localidade", a partir da obtenção de informação básica obtida pelo "diagnóstico rural rápido" e pela integração dos técnicos em dinâmicas da Comunidade Local, através da "observação participante".

c) "Participativas de articulação" que permitam gerar redes dentro de um processo de fortalecimento das dinâmicas de mudança. A compreensão da percepção local dos ecossistemas mediante os "transectos" é o primeiro passo em direção à obtenção do discurso coletivo das distintas comunidades locais (obtido através do "grupo de discussão") integrantes da Sociedade Local.

d) "Sócioanálise de grupos assembleários" onde a articulação em redes gerada em diversas sociedades locais permita estratégias de ação mais amplas, em "fórum de ação" da Sociedade Maior. O "planejamento rural convencional" aportou uma informação distributiva que, na dinâmica de posteriores "desenhos participativos de desenvolvimento endógeno", permitiu, através da pesquisa-ação participativa, em formas de ação social coletiva, alcançar tal objetivo.

3. Referências Bibliográficas

- ALONSO BENITO, L.E. **La mirada cualitativa en sociología.** Madrid: Editorial Fundamentos, 1998.
- ALTIERI, M.A. **Agroecología: bases científicas de la agricultura alternativa.** Valparaíso: CETAL, 1985 (existe edição inglesa em Boulder: Westview Press, 1987).
- ALTHUSSER, L. **For Marx.** Londres: Allen Lane, 1969 (existe edição castelhana em México: Siglo XXI, 1967, com o título de **La revolución científica de Marx**).
- DÁVILA, A. **Las perspectivas metodológicas cualitativa y cantitativa en las ciencias sociales: debate teórico e implicaciones praxeológicas.** In: DELGADO, J.M.
- GUTIÉRREZ, J. (Coord.). **Métodos y técnicas cualitativas de investigación en ciencias sociales.** Madrid: Síntesis, 1995.
- GARCÍA FERRANDO, M.; IBÁÑEZ, Jesús; ALVIRA, Francisco. **El análisis de la realidad social. Métodos y técnicas de investigación.** Madrid: Alianza Editorial, 1994.
- GASTÓ, J. et al. **Metodología clínica para el desarrollo del ecosistema predial. Santiago de Chile: Instituto Juan Ignacio de Molina.** Comisión de la Investigación en Agricultura Alternativa (CIAL), 1987.
- GASTÓ, J. et al. **Clasificación de ecorregiones y determinación de sitio y condición.** Santiago de Chile: REPAAN, 1993.
- GLIESSMAN, S.R. **Agroecology: researching the basis for sustainable agriculture.** New York: Verlang, 1997.
- GUZMÁN CASADO, G.I.; GONZÁLEZ DE MOLINA, Manuel; SEVILLA GUZMÁN, Eduardo. **Introducción a la Agroecología como desarrollo rural sostenible.** Madrid: Mundi-Prensa, 2000.
- IBÁÑEZ, J. **Más allá de la sociología: el grupo de discusión.** Madrid: Siglo XXI, 1979.
- IBÁÑEZ, J. Del algoritmo al sujeto: perspectivas de la investigación social. Madrid: Siglo XXI, 1985.
- IBÁÑEZ, J. **Perspectivas de la investigación social: el diseño en las tres perspectivas.** In: GARCÍA FERRANDO, M.; IBÁÑEZ, Jesús; ALVIRA, Francisco (Eds.). El análisis de la realidad social: métodos y técnicas de investigación. Madrid: Alianza Editorial, 1994.
- LÉVI-STRAUSS, C. **Anthropology Today. Chicago: University of Chicago Press, 1953. (Publicada mais tarde como Antropologie Structurale.** Paris: Librerie Plon, 1985; existe versão castelhana em Buenos Aires: EUDEBA, 1968).
- ORTÍ, A. **La apertura y el enfoque cualitativo o estructural: la entrevista abierta semidirectiva y la discusión de grupo.** In: GARCÍA FERRANDO, M.; IBÁÑEZ, Jesús; ALVIRA, Francisco (Eds.). El análisis de la realidad social: Métodos y técnicas de investigación. Madrid: Alianza Editorial, 1994.
- ORTÍ, A. **Crisis del modelo neocapitalista y reproducción del proletariado rural.** In: SEVILLA GUZMÁN, Eduardo. Sobre agricultores y campesinos. Madrid: MAPA, 1984.
- PLOEG, J.D. van der. **Styles of Farming: an introductory note on concepts and methodology.** In: PLOEG, J.D. van der ; LONG, A. (Eds.). Born from within. Practices and perspectives of endogenous rural development. Assen, The Netherlands: Van Gorcun, 1994.
- RICHARDS, P. **Indigenous agricultural revolution.** London: Hutchinson, 1985.
- SARANDÓN, S. **Agroecología: el camino hacia una agricultura sustentable.** La Plata: Ediciones Científicas Americanas, 2002.

SEVILLA GUZMÁN, E.; GONZÁLEZ DE MOLINA, M. **Ecología, campesinado e historia**. Madrid: La Piqueta, 1993.

SEVILLA GUZMÁN, E.; WOODGATE, G. **Sustainable rural development: from industrial agriculture to Agroecology**. In: REDCLIFT, Michael; WOODGATE, Graham (Eds.). *The International Handbook of Environmental Sociology*. Cheltenham: Edward Elgar, 1997.

SEVILLA GUZMÁN, E. **Los marcos teóricos del pensamiento social agrarios**. In: GOMEZ BENITO, Cristobal; GONZÁLEZ, Juan Jesús (Eds.). **Agricultura y sociedad en la España Contemporánea**. Madrid: Ministerio de Agricultura, MAPA y Centro de Investigaciones Sociológicas, CIS, 1998.

SEVILLA GUZMÁN, E.; OTTMANN, Graciela. Ecoagricultura, Agroecología y desarrollo rural sustentable: pensando en el caso argentino. In: **Encuentro de Colegios de Abogados de Rosario sobre Temas de Derecho Agrario, 3., 2000, Rosario**. Rosario: Instituto de Derecho Agrario; Colegio de Abogados de Rosario, 2000.

SEVILLA GUZMÁN, E. **Bases sociológicas de la Agroecología**. Ponencia presentada al Encontro Internacional sobre Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável. 5 a 8 de julho FCA/UNESP. Lajeado, Campus de Botucatu, SP, Brasil, 2001a.

SEVILLA GUZMÁN, E. **Una estrategia de sustentabilidad a partir de la Agroecología. Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável**. Porto Alegre, v. 2, n. 1, p. 35-45, 2001b.

Notas

¹Incluindo Marx, que, ainda que não considerasse asi mesmo como sociólogo, inspirou uma boa parte dos melhores trabalhos sociológicos. De fato, a diferenciação das perspectivas de pesquisa em Agroecologia que propomos neste trabalho parte, como veremos mais adiante, da Sociologia de Pierre Bourdieu, ainda que a utilizemos depois de uma crítica ao excelente trabalho de Althusser sobre Marx (1969) e ao estruturalismo de Lévi-Strauss, ao nos afastarmos de seu conceito de "estrutura social", como modelo alheio à realidade empírica (1953).

²Desde o início do "grupo agroecológico" (criado através da participação no ISEC - Instituto de Sociología y Estudios Campesinos, que desenvolve atividades na Universidad de Córdoba e na Universidad Internacional de Andalucía), no começo dos anos noventa, Alfonso Ortí e Luis Enrique Alonso aportaram, através de sua atividade de docência, o enfoque qualitativo para a configuração da metodologia agroecológica que foi sendo desenvolvida pelo grupo. Entretanto a contribuição central e a transdisciplinaridade da metodologia agroecológica aparecia já na obra de Jesús Ibáñez, mais além da Sociologia.

³Definimos Ecoagricultura como o conjunto de formas alternativas ao estilo de manejo "industrial"

dos recursos naturais, que adotaram tecnologias de natureza ecológica, no sentido de pretender proporcionar o acesso aos meios de vida, tentando recuperar, na medida do possível, a inevitável deterioração causada pela artificialização da natureza. As adjetivações Centro-Periferia se referem à acepção vulgar "desenvolvimento - subdesenvolvimento" atribuída a estados-nação. E as acepções Norte e Sul, neste contexto, se referem a zonas pobres e ricas dentro de um mesmo país ou espaço socioeconômico.

⁴Neste sentido, ver Markus Brose (2001), como um texto acertado na sua forma de apresentar os métodos e técnicas participativos, reunindo uma extensa variedade deles, tanto desde as organizações públicas e do terceiro setor, como desde as comunidades, ou como instrumentos para estruturar o diálogo entre as comunidades e os técnicos. A organização do livro foi realizada com a colaboração da Associação Brasileira para a Promoção da Participação (PARTICIPE) vinculada à Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC) do Estado do Rio Grande do Sul, Brasil, onde está se desenvolvendo, há mais de dez anos, a experiência mais importante da atualidade com respeito à participação da sociedade civil, em todos os níveis antes assinalados, cujo destaque é o Orçamento Participativo.